

**EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO: OLHARES DIVERSOS PARA O COTIDIANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEMPO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE/MG****Recebido em:** 27/10/2024**Aprovado em:** 23/05/2025**Licença:** *Mariana Soares Ferraz Malta<sup>1</sup>*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3692-5497>*José Alfredo Debortoli Oliveira<sup>2</sup>*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5277-0523>

**RESUMO:** este artigo é uma síntese da pesquisa de doutorado realizada numa escola pública de tempo integral, com o objetivo de conhecer as relações estabelecidas no cotidiano desta através do olhar dos sujeitos viventes das experiências. Durante 15 meses estive presente, utilizando a cartografia como método de investigação no qual o acompanhamento das atividades com os professores e estudantes que compunham o coletivo A (6º e 9º ano) foi fundamental. Neste contexto, apresento neste artigo, o resultado das rodas de conversas realizadas com os estudantes do 9º ano. Foi possível identificar que as relações construídas na experiência de estudar nesta escola perpassa pelo aprendizado da responsabilidade, autonomia e liberdade, três palavras que apareceram em todas as falas dos estudantes e constituem elementos fundamentais que perpassam todos os processos pedagógicos da escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola. Experiências. Cartografia.

**EXPERIENCES IN EDUCATION: LOOKS AT THE EVERYDAY DAY OF A FULL-TIME PUBLIC SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF BELO HORIZONTE/MG**

**ABSTRACT:** this article is a synthesis of doctoral research carried out in a full-time public school, with the aim of understanding the relationships established in its daily life through the eyes of the subjects living in the experiences. For 15 months I was present, using cartography as a research method in which monitoring the activities with the teachers and students who made up collective A (6th and 9th year) was fundamental. In this context, I present in this article the results of the conversations held with 9th year

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Lazer - PPGIEL/EEFFTO/UFMG. Grupo de pesquisa: NaPrática - EEFFTO/UFMG. Órgão de trabalho: Prefeitura de Belo Horizonte – PBH.

<sup>2</sup> Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO)/UFMG. Grupo de pesquisa: NaPrática - EEFFTO/UFMG.

students. It was possible to identify that the relationships built in the experience of studying at this school permeate the learning of responsibility, autonomy and freedom, three words that appeared in all the students' statements and constitute fundamental elements that permeate all the school's pedagogical processes.

**KEYWORDS:** School. Experience. Cartography.

## Introdução

Este artigo é uma síntese da pesquisa de doutorado<sup>3</sup> que foi escrita por uma professora e com professores atuantes na Educação Básica que acreditam no papel social, político-pedagógico, potente e transformador da escola na vida de uma pessoa. A pesquisa foi realizada numa escola pública de tempo integral, que chamamos de “Escola do Encantamento”. A perspectiva da palavra “encantamento” dado para a escola foi no sentido que nesse lugar, “na miudeza da vida comum, os saberes se encantam, e são reinventados os sentidos do mundo” (Simas e Rufino, 2018, p.13).

Durante 15 meses estive presente na escola buscando conhecer e compreender as relações estabelecidas em seu cotidiano, através do olhar dos sujeitos viventes das experiências, utilizando a cartografia como método de investigação no qual o acompanhamento das atividades com os professores e estudantes que compunham o coletivo A (6º e 9º ano) foi fundamental. Neste contexto, apresento neste artigo, o resultado das rodas de conversas realizadas com os estudantes do 9º ano.

Esta escola nos chamou a atenção por ser a única escola de tempo integral da rede municipal de Belo Horizonte, bem como o caráter inovador do Projeto Político Pedagógico, construído com as bases pedagógicas alicerçadas no projeto “Fazer a Ponte” desenvolvido há mais de 40 anos na Escola da Ponte em Portugal. Esta Escola se destacava por escolher uma organização estrutural diferente desta organização

<sup>3</sup> Este artigo é um desdobramento do texto da tese que será apresentada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Lazer, na Universidade Federal de Minas Gerais – PPGIEL/EEFTO/UFMG sob a orientação do profº Drº José Alfredo Debortoli Oliveira.

tradicional que se “naturalizou” ao longo dos anos, dividindo os estudantes em turmas com a mesma idade. O coletivo de professores da Escola da Ponte optou por desenvolver uma estrutura pedagógica em que os estudantes eram agrupados por interesses de estudo e não pela idade. Ou seja, num mesmo grupo poderiam ter estudantes do 6º, 7º, 8º e 9º anos<sup>4</sup>, por exemplo. É o que a escola chamava de espaços educativos que estavam designados por áreas<sup>5</sup>. Optaram, também, por não ensinar através de livros didáticos, manuais, testes e aulas. Para além disso, não havia aplicação de provas. A avaliação era feita durante o processo de aprendizagem através de portfólios onde os estudantes, a cada dia, registravam os seus conhecimentos<sup>6</sup>.

Nesse contexto, comecei a pesquisar se existiam escolas em Belo Horizonte que estavam se propondo a realizar mudanças em suas organizações, estruturas e processos pedagógicos. A minha busca me levou ao encontro de uma escola que a princípio, se mostrou diferente das demais escolas da rede municipal, primeiro, por ser uma escola que se propõe a ser de tempo integral<sup>7</sup>, o que me possibilita pensar em outras práticas e outra organização dos tempos e espaços da escola. Segundo, pois, dentro da proposta pedagógica dessa escola, há um diálogo com a perspectiva da Escola da Ponte, citada acima no que diz respeito a trazer a cena, movimentos de autonomia na construção do conhecimento, procurando enfatizar um cotidiano escolar, inspirado, afetado, marcado, construído e reconstruído a partir de um movimento de buscar ser uma escola diferenciada das demais.

---

<sup>4</sup> Essa organização escolar do ensino fundamental II, definida na rede municipal de educação de Belo Horizonte foi utilizada como exemplo para o entendimento dessa junção realizada na Escola da Ponte.

<sup>5</sup> Visto em: <http://revistaescola.abril.com.br/informacao/jose-pacheco-escola-ponte-479055.shtml>.

<sup>6</sup> Para saber mais sobre a Escola da Ponte: <https://www.escoladaponte.pt/wpcontent/uploads/2021/04/Dispositivos-Pedag%C3%B3gicos.pdf>

<sup>7</sup> As escolas da rede municipal de Belo Horizonte se organizam em dois turnos específicos, manhã ou tarde, o que faz com que a Escola do Conhecimento seja a única escola da rede que organiza suas atividades horário integral.

Nos perguntamos, então: de quais modos as pessoas são afetadas e tocadas pelas experiências vividas no dia a dia? De quais modos esta escola se apresenta na prática para que pudéssemos comprovar se, de fato, ela seja uma “escola outra” no sentido de uma diferenciação das outras escolas em sua organização dos tempos e espaços, em sua estrutura e métodos utilizados no fazer pedagógico? Como os olhares desses sujeitos me ajudam a pensar essa escola? Será que essa é uma escola que indaga a si mesmo sobre as possibilidades de ampliar, de ir além de uma “forma escolar” (Vincent; Lahine; Thin, 2001), de reconhecer no cotidiano, outras relações, outras aprendizagens, outros modos de vivenciar esse cotidiano em construção do conhecimento? O que se aprende e como se aprende nessa escola? O que podemos observar enquanto experiências de lazer no cotidiano escolar?

A partir destes questionamentos nos propomos a compreender em que medida a Escola do Encantamento ao fazer todo este movimento de construção pedagógica, se expressa como possibilidade de uma “pedagogia outra” no seu cotidiano escolar, e quais as contribuições que o olhar do lazer pôde nos trazer para essa compreensão. Como objetivos específicos, buscamos conhecer as “aprendizagens outras” que acontecem com e entre os estudantes.

Nesse contexto, se “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa Bondía, 2002, p. 21), durante 15 meses buscamos conhecer o que se passou, o que aconteceu e o que tocou os sujeitos viventes das experiências no cotidiano desta escola. Utilizamos a cartografia como método de participação/acompanhamento das atividades junto com o coletivo A compostos por professores e estudantes do 6º e 9º anos. Mapeamos o cotidiano da escola, acompanhamos os processos que já estavam em seus cursos. Estávamos num território novo, dispostos a nos abrir aos encontros que aconteceriam.

Para atender aos objetivos, seria necessário acompanhar os percursos escolares, experimentando, vivenciando, participando, vendo, sentindo e ouvindo a comunidade escolar. A cartografia, nesse contexto, se apresentou como um método potente de investigação, pois nos daria a ideia de pistas que norteariam a investigação e não de regras pré-estabelecidas. A pesquisa foi se fazendo no caminho, as metas foram sendo construídas e constituídas no caminhar da pesquisa. Foi processual; não estava dada; não estava pronta (Passos; Kastrup; Escócia, 2020).

No processo da pesquisa, durante a minha presença na escola, as conversas foram um recurso utilizado para escutar atentamente o que os estudantes me contavam sobre a escola, sobre as relações que eles estabelecia, como era a rotina deles e como eram organizados os módulos de trabalho, os acontecimentos no cotidiano da escola. Para ouvir os estudantes e os professores utilizei as entrevistas narrativas também como ferramentas dentro da pesquisa.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (Muylaert *et al.*, 2014, p.194).

Conversamos com duas professoras, também mães de estudantes da escola, com os estudantes do 9º ano<sup>8</sup>, direção, coordenação pedagógica, uma educadora de vivência e com os pais e/ou responsáveis. Os olhares diversos compõem o universo desta escola e nos dizem muito das experiências vividas em seu cotidiano. Entretanto, para este artigo, optamos por trazer o resultado das rodas de com as falas dos estudantes, sujeitos centrais da educação.

---

<sup>8</sup> Optamos por realizar as rodas de conversa separadamente com os meninos e com as meninas por uma questão de logística de organização das atividades da escola.

## **Estrutura e Organização da Escola**

A Escola do Encantamento é uma escola de tempo integral, ou seja, a carga horária do estudante é ampliada iniciando o turno às 08:00 h e terminando às 17:00 h. Dentro desses Há uma organização das atividades no “percurso semanal do estudante” onde o mesmo irá saber quais serão suas atividades. Ao começar sua rotina o estudante se encaminha para o “salão dos saberes” que é um espaço com mesas redondas onde os estudantes são divididos em coletivo A (6º e 9º anos) e coletivo B (7º e 8º anos). Neste espaço os estudantes fazem os roteiros de estudos, que são atividades preparadas pelos professores. A partir deste espaço, dependendo da organização do dia, os estudantes saem para aulas específicas das disciplinas de Arte e Educação Física, ou alguma outra atividade no auditório, por exemplo. O tempo de permanência no salão (1h:45 min) é dedicado a realização dos roteiros de estudo. A ideia nesse momento é que os estudantes estudem juntos e o professor seja um tutor ajudando quando precisar.

A rotina segue com atividades na conexão dos saberes, vivências educativas, atividades autônomas, equipes de responsabilidade e tutoria. A conexão dos saberes é o momento node professores e educadores de vivência estão juntos ensinando algo diferente para os estudantes. Nas vivências, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar aulas diversificadas com os educadores de vivência como por exemplo, circo, capoeira, danças urbanas, canto, música, esportes, robótica, entre outras atividades. As atividades autônomas são atividades onde os estudantes escolhem a atividade que gostaria de fazer e chamam outros estudantes para fazer, sempre com a supervisão de um educador de vivência. Pode ser, por exemplo, conversar na biblioteca ou brincar de pique esconde no bosque. Nas rodas de conversa os estudantes me relataram que as atividades autônomas eram mais interessantes antes da pandemia, pois eles de fato poderiam fazer o que quiserem. Mas, que muitos estudantes não entenderam esse “fazer

o que quiser” e estavam atrapalhando o momento. Por esse motivo, a decisão dos educadores foi fazer uma votação durante a semana de atividades sugeridas pelos estudantes e deixarem algumas sugestões já pré-estabelecidas.

As equipes de responsabilidade são formadas por estudantes dos 4 anos e ajudam na organização das atividades e também na resolução de conflitos, caso existam. Há equipes de responsabilidade para ajudar na organização do salão, organização do recreio, resolução de conflitos; o que for da demanda dos estudantes criam-se equipes de responsabilidade. As tutorias, por sua vez, são o momento onde o estudante está em contato direto com o seu tutor ou sua tutora que possui a função de verificar se estão realizando as atividades, quais são as dificuldades encontradas, fazendo as avaliações periódicas do processo do estudante. São também a ponte entre a família e a escola.

Todas essas atividades são organizadas ao longo da semana. As avaliações acontecem a cada 3 meses. Durante as rodas de conversa fui perguntando sobre como eles se sentiam dentro dessa experiência, o que eles mais gostavam e o que poderia melhorar na escola. No próximo tópico, descreveremos os desdobramentos das conversas.

### **Rodas de Conversa: O que os Sujetos Viventes das Experiências têm a nos Dizer?**

Uma escola é feita de pessoas e pessoas estabelecem relações. O que os sujeitos que vivem a escola do Encantamento todos os dias têm a nos dizer? Quais são seus encantamentos e as suas encruzilhadas a respeito da escola? No trecho que se segue buscamos traduzir em palavras as experiências vividas diariamente na escola, por aqueles que fazem a escola acontecer. Neste sentido, optamos por trazer a conversa literal dos sujeitos com suas potências através de uma roda de conversa com os estudantes do 9º ano, num processo de “escuta etnográfica” que nos propõe Rita Segato

(2012), sem, no entanto, que haja uma análise das falas, pois o objetivo aqui é apreender a escola a partir da lente de quem vê.

A roda de conversa com as estudantes e os estudantes do 9º ano, aconteceu separadamente por gênero, devido a própria organização da semana naquele momento, de acordo com as saídas dos estudantes do salão, determinando que fosse dessa forma. A roda de conversa com os meninos aconteceu no dia 4 de setembro de 2023 e durou cerca de 42 minutos. Nessa roda de conversa, um dos professores que estaria em atividade com eles, optou por acompanhar a conversa. Fiquei receosa de que sua presença pudesse inibir algumas falas dos estudantes. Mas, ao longo da conversa vi que os estudantes estavam à vontade com o professor e que não haveria problemas quanto a isso. Segue a nossa conversa.

### **Roda de Conversa 1: Os Estudantes do 9º Ano**

Comecei a nossa conversa explicando para eles, mais uma vez, o que eu estava fazendo na escola, os meus objetivos ali e porque eu gostaria de conversar com eles, apesar deles estarem me vendo acompanhar as atividades praticamente todos os dias, na escola. Perguntei a eles quem estava na escola antes da pandemia e quem havia entrado depois. Gostaria de saber deles como era a escola antes da pandemia e depois. Muitos deles entraram no sexto ano, em fevereiro de 2020 e logo depois, em março, as escolas foram fechadas e o estudo passou a ser on-line. Eles me contaram que a escola começou a organizar grupos de WhatsApp com as turmas e as atividades eram enviadas em PDF e eles podiam fazer no arquivo ou fazer no caderno e enviar a foto para os professores. Um dos alunos me disse que em alguns momentos também da pandemia, a coordenação imprimia os roteiros e os estudantes iam na escola buscar esses roteiros.

Perguntei a eles o que eles percebem de diferente na escola antes da pandemia e depois. Um dos estudantes me disse que as regras da escola são definidas por eles mesmo, no início do ano, em assembleia. E uma das regras que eles definiram é que o salão precisa ser um ambiente mais silencioso e quando está muito barulhento, o sinal que eles acordaram é levantar a mão para sinalizar que precisam de silêncio. Entretanto, o que eles alegaram é que, alguns professores estavam quebrando essa regra e gritando no salão para pedir silêncio. Outro ponto que eles colocaram foi sobre a organização do salão do conhecimento que para eles mudou muito e ficou pior. Eles me explicaram que no início do 6º ano, em 2020, a organização do salão era a mesma que estava naquele momento, ou seja, 6º e 9º anos juntos e 7º e 8º ano. Na pandemia, houve a separação por “bolhas” que eram agrupamentos de poucos estudantes; no ano de 2022, houve uma outra organização do salão, com os estudantes sendo agrupados de forma multisseriada, ou seja, em um mesmo grupo havia estudantes do 6º, 7º, 8º e 9º anos.

O professor que estava presente nos esclareceu que cada ano houve uma organização.

“Em 2018 foi tudo misturado. Em 2019, foram 3 grupos. Então, não era por ano. Mas era coletivo A, coletivo B e coletivo C. Aí teve o dos setores. Que aí era o seguinte: era de todo mundo, só que pra gente ficou mais fácil porque tinha uma referência. Então a gente sabia por exemplo, o W. era professor de Educação Física que naquele setor, aquele dia, ele tinha passado. Porque em 2018 ficou muito confuso. É isso. Como os meninos podiam escolher qualquer lugar, imagina, tudo de todo mundo ao mesmo tempo agora, era impossível você saber o que cada estudante estava fazendo. Aí ano passado (2022) nós fizemos uma tentativa de setores. Tinha setores, eles eram todos misturados. Todos os professores e educadores estavam misturados, eu não tinha tutoria com todo mundo, mas eu sabia o que o setor vermelho e o azul tinham feito e tudo mais.

E este ano achamos melhor voltar com uma organização de coletivos, separados, né. Tem suas vantagens, organizativas, mas tem suas desvantagens que os estudantes, por exemplo, não passam por todos os educadores, só passam pelos educadores do coletivo A”.

M: Esse ano vocês estão com o sexto ano. O que estão achando? Em relação ao aprendizado de vocês? Você sentem que estão aprendendo?

Eu estou no nono ano e não sei nada. Ano passado eu tirei melhores notas do que esse ano, porque meu desempenho era melhor. Como o salão é grande eu perco muito a concentração, me distraio muito fácil.

M: Você está me dizendo que está acontecendo uma dificuldade de aprendizagem dentro do salão. Mas, como vocês relatam essa dificuldade aos tutores?

Eles entregam a atividade do roteiro, deixam com a gente e temos que fazer sozinhos. Não consigo me concentrar no salão. Às vezes eu até foco, tô aqui fazendo. Chega numa pergunta difícil que eu tenho que pensar demais. Aí eu vejo qualquer outra coisa assim, aí eu fico “boiando”; aí eu saio do meu lugar e esqueço dessa atividade...

O melhor momento é quando todo mundo sai do salão e só fica o nono ano. Aí dá para concentrar.

O roteiro, a gente não aprende nada de nenhuma matéria e aí além de não aprender, a gente está fazendo o roteiro lá de boa, chega o professor do nada com outra atividade, tipo assim, eu posso terminar o roteiro? Aí a gente fica com “300” atividades para fazer. Aí tem atividade de filme, de Educação Física, tem atividade do clube de leitura, tem o roteiro...

O que influencia muito também é que a gente acaba ficando muito cansado. A gente tem vivência, tem conexão...

M: Ia perguntar para vocês justamente sobre esse tempo que vocês ficam na escola...

Acho que deveria ser separado, ter o turno da manhã e o turno da tarde, porque ficar o dia inteiro cansa e nem pra gente ter mais momentos de descanso porque o recreio também cansa, principalmente porque a gente chega do recreio para o segundo tempo no salão, a gente tá “morto” e tem que fazer Educação Física, roteiro. Não dá para descansar dois minutos e os professores já estão falando pra gente fazer. Depois do almoço, tem dia que tem filme. Como quer que não dorme?

M: Vocês me disseram que o recreio também cansa...

É muito barulho, muita gente, muita coisa acontecendo. Não tem um lugar específico porque todo lugar está cheio de gente. O banheiro está cheio de gente, a escada está cheia de gente, a quadra está cheia, o corredor, qualquer lugar está cheio. Não tem um lugar que a gente possa sentar, relaxar e respirar. Sem contar também que passa rápido o recreio. Para mim tinha que ter mais tempo de recreio.

M: Qual seria a sugestão de vocês para o recreio?

Ir para o bosque<sup>9</sup>. Tinha uma época que eles liberaram para ir para o bosque. Ano passado eles liberaram a biblioteca e a informática para ficar na hora do recreio. Hoje em dia não mais. Voltando ao assunto do roteiro, a maior parte das pessoas aqui, mal passou na metade do roteiro, e eles já estão vindo com outro roteiro, já. Fora as outras atividades que não fazem sentido. A gente queria uma aula normal, exemplo, matemática, explica a matéria, o professor vai explicando e a gente vai copiando assim, as atividades. Eles pegam a atividade, entrega pra gente e acha que a gente vai aprender sozinho. Eu acho que quando eles forem ensinar alguma coisa nova, ao invés de só

---

<sup>9</sup> Bosque é um local dentro da escola com árvores e um espaço verde onde os estudantes podem descansar.

deixar lá e achar que vamos aprender sozinhos eles deveriam tirar o nono ano, levar para outra sala e depois, nas outras semanas ter a aula prática daquilo para gravar.

Por mim, tirava o roteiro e passava atividade normal.

Eu gosto muito da escola, mas o lance do roteiro também é complicado. Por mim, nos momentos de aula, ter uma aula mesmo, sem ser o roteiro.

Você pode perguntar para qualquer aluna do nono ano, o que elas aprenderam esse ano de português, de geografia, de história, de ciências, todo mundo vai falar: nada

M: Eu estou entendendo com a nossa conversa que o roteiro não está fazendo muito sentido para vocês...

De fato. Outra coisa que colocaram também que não faz sentido: diário de bordo.

M: Para que serve o diário de bordo?

Para anotar o que a gente fez durante o dia. Só que eles querem que a gente anote tudo, até quando fui ao banheiro. Eu posso fazer um resumo das atividades. E não o registro de cada módulo. Acho que deveria ser como um diário normal. Ex: Ah, hoje eu achei muito cansativa a vivência, mas eu aprendi isso... Eles querem tudo anotado.

Não lembro nem o que eu comi no almoço!

M: Falando em vivência, como é a divisão dessas atividades? Vocês gostam?

É a melhor hora. É mais útil que as matérias. A gente aprende mais na vivência, do que no roteiro.

M: O que são as atividades autônomas?

Os alunos mesmos podem sugerir espaços. Por exemplo, se muitos alunos quiserem soltar pipa, um educador pode levar. Mas, na maioria das vezes tem totó, futsal, cinema, biblioteca, ninguém tem sugestão nova. Aí a gente escolhe onde a gente quer ir, sabe. É o momento onde temos a autonomia de escolher onde vamos ficar e não

é um local onde a gente fica 100% livre, só largado lá, não. A gente escolhe o que a gente vai fazer, tem que ter um planejamento. Às vezes já tem alguns alunos da organização das atividades autônomas. Mas, já tem os locais pré-definidos, tipo quadra, bosque.

### **Roda de Conversa 2: As Estudantes do 9º Ano**

A roda de conversa com as meninas do 9º ano foi realizada no dia 10 de julho de 2023 as 14:44 e teve duração de 1h. 10 meninas estavam presentes nesse dia. Foi uma conversa descontraída, onde as mesmas puderam me contar sobre a escola através de seus olhares.

Para iniciar a conversa, comecei explicando sobre a pesquisa, os objetivos, o que eu estava fazendo na escola. Disse a elas que a escola do Encantamento era uma escola diferente das outras escolas da rede municipal de Belo Horizonte, e diferente também da maioria das escolas do país. A estrutura, a organização dos tempos das atividades, o espaço físico, tudo isso, por si só já era suficiente para que a escola fosse pesquisada e era isso que eu estava fazendo ali, conhecendo o cotidiano da escola, as relações que eram estabelecidas entre os estudantes, entre estudantes e professores, entre estudantes e o espaço escolar. Perguntei quantas delas estudavam na escola desde o 6º ano. 5 estudantes responderam de forma positiva. Pedi a elas, então, que me falassem um pouco da escola, o que mais gostavam, o que não gostavam, o que era a escola para elas.

A escola que eu vivi no 6º e no 7º ano foram os anos antes da pandemia, e o 8º ano que foi durante a pandemia foram diferentes da escola que eu vivo este ano (2023).

M: É interessante isto que você está falando. Me conta, então como era a escola antes da pandemia e a escola depois da pandemia.

Antes da pandemia, eu estudei muito pouco, foram só 10 dias de aula, quando eu estava no sexto ano. Não foi muita coisa, nem teve muita coisa. Mas mesmo nesses 10 dias já tive um passeio, conheci pessoas novas nesses 10 dias e foi legal. Só que aí passou a pandemia e veio a aula on-line. Mesmo sendo aula on-line a gente conseguiu interagir com outras pessoas. A aula on-line não era muito legal, não. A gente pegava atividade em PDF e podia fazer escrito. Depois entregava ou mandava foto. Mas assim, não era muito legal. Mas mesmo assim tinham algumas atividades diferentes. Tinha a conexão Ásia, tinha aula de dança. Porque matéria, matéria era ou você vinha aqui na escola e pegava o roteiro impresso ou eles levavam para você dependendo da sua condição ou você recebia em PDF. Imprimia também. Tinha gente que imprimia e era muito ruim, porque se eu for falar agora do 8º ano eu não vou saber nada do 8º ano, porque na pandemia eu aprendi mais dança, da conexão Ásia. Tipo, de matéria eu não aprendi, não. Tinha Educação Física, tinha dança. Eu nem sei como que eu passei de ano.

O 8º ano foi o melhor ano, ano passado. Foi muito bom, teve muito passeio, muita aula diferente. Era legal o jeito que a escola funcionava, os grupos, as atividades, os professores, eu achava tudo muito legal. As pessoas que estudavam aqui. Muito legal. Aí veio esse ano. Tudo desandou para mim, na minha opinião, na minha grande opinião. Sei lá, as coisas da escola mudaram bastante. Porque todo ano eles mudam um pouco. Algumas coisas, tipo ah é a organização do salão dos saberes, muda; os professores mudam; querendo ou não os estudantes também, né. Mas aí esse ano mudou e eu não gostei muito. E a maioria das pessoas que eu converso também preferiam os outros anos, quem já estudava aqui antes.

M: Mas o que para você foi diferente do ano passado para esse ano que foi ruim?

A organização do salão voltou a ser igual em 2020. Só que em 2020 era legal, agora não. Eu achava 2020 legal. Agora é coletivo A e coletivo B. Aí o coletivo A é 9º e 6º ano. Eu não gosto muito disso. 9º com 6º. Eu sei que a ideia é o 9º ajudar o 6º, mas assim, eu não acho que dá certo. O 6º sempre é rebelde com a gente, não quer aprender nada. E eles atrapalham a gente. Eu acho.

M: E como era ano passado?

Ano passado era por setores. Eram seis setores: amarelo, azul, verde laranja, vermelho e roxo. E as mesas não eram iguais agora, tipo 6º e 9º na mesma mesa e 7º e 8º do outro lado. Era misturado. Na mesma mesa tinha 6º, 7º, 8º e 9º ano e não era mesa redonda, era mesa quadrada. Mas depois mudaram para a redonda. Eu achava que era muito melhor assim e era assim a organização do salão, outras coisas eu acho que era diferente e também tinham outros professores e agora mudou bastante os professores e educadores. E também a coordenação mudou.

M: E vocês, meninas, concordam com a fala da colega? Querem acrescentar mais alguma coisa?

Estudante 2: Em questão do coletivo, ano passado era melhor. A questão da bagunça da gente, estudante. Esse ano está muito melhor. A gente está fazendo silêncio mais rápido. Ano passado demorava muito. Se tivesse o que a gente faz esse ano de perder tempo de atividades autônomas ano passado, a gente não ia ter autônomas porque era muito bagunçado<sup>10</sup>. Então esse ano de questão com 6º ano, tipo eu acho que a gente está deixando eles bem na linha, do jeito que a escola é para ser, organizada. Então esse ano está muito mais organizado a questão do silêncio, de bagunça. Está tendo briga, está

---

<sup>10</sup> Aqui a estudante se refere a um tipo de punição que estava acontecendo. Ao demorar para fazerem silêncio no salão do conhecimento, o mesmo tempo era diminuído no tempo das atividades autônomas.

tendo mais dificuldades, está. Mas está muito melhor que no ano passado, questão de atividade também.

Outra coisa que eu acho também, eles avançaram mais no ensino, no conteúdo. Tipo eles avançaram o nosso conteúdo, por exemplo, acho que eles estão passando algumas coisas mais avançadas para a gente do 9º do que eles passavam para o 9º do ano passado. E o 6º está com o roteiro do 8º do ano passado. Eu acho que eles avançaram bastante no ensinamento.

M: Como é essa questão do aprendizado, do conteúdo, através dos roteiros. Vocês sentem que vocês estão aprendendo? Não estão? Vocês conversam com os professores a respeito disso?

O nosso roteiro esse ano só veio chegar agora (junho). Então, não tem como a gente falar sobre isso porque, tipo assim a gente acabou de pegar o roteiro praticamente, eles acabaram de dar começaram a falar sobre isso e tudo mais. Então tipo assim, não sei também.

Outra estudante: Tem como falar sim. Porque a escola do Encantamento, o que eles firmam, tipo o senso do assunto tudo (sic) é a autonomia. A gente ser autônomo. Então eles dão o roteiro temático e a gente estuda as coisas que estão lá. Beleza. Só que aí é a questão da autonomia. A matéria que a gente quer aprender e buscar saber no youtube, nos livros, porque se ficar só no roteiro que a gente ganha, temático, não aprende nada. Não tem como tirar um conhecimento do roteiro temático. Só se você pegar a matéria que está ali e estudar fora. Pegar livros, pegar youtube e estudar. Então, mas a gente não pega de tudo...

Houve um momento de discussão entre elas sobre o roteiro, pois para algumas não adianta nada ter o roteiro se os estudantes não estudarem os assuntos em outras fontes de pesquisa como a internet, por exemplo.

M: Me ajudem a entender. O roteiro está aí para ser uma rota de estudos, certo? O roteiro é para vocês aprenderem o conteúdo que precisa de acordo com as disciplinas. E aí, é claro que temos hoje o youtube, google que ajuda nesse processo de conhecimento. M: Mas na hora que vocês estão lá no salão, então, é difícil pegar o roteiro e fazer? Os professores ajudam, vocês se ajudam?

Quando tem muito professor, beleza ajudar. Quando tem pouco, eles até ajudam. A questão não é o professor. É porque, independente se tiver um grupo, no salão faz muito barulho e eu não consigo concentrar. Eu sou uma pessoa que faz muito barulho. Só que para concentrar numa coisa, eu preciso de silêncio total. Tipo assim, não dá. Estou tentando fazer um negócio aqui, estou tentando ler, tem uma pessoa falando aqui, não dá para me concentrar. Não sei porque também. Mas é porque eu não consigo. Ah, não sei também. Não consigo estudar aqui. Quando faltai semana retrasada eu faltai a semana toda e eu falei, putz devo estar atrasada no roteiro, tenho que fazer alguma coisa. Aí peguei o roteiro, estava só eu e minha irmã no outro quarto, aí eu fui pegar o roteiro e consegui fazer um monte de páginas. Foi bem legal. Aí eu falei: vou terminar de fazer na escola, né. Cheguei aqui e não consegui fazer uma página.

Uma coisa que eu acho é que eles dão além de você ter o roteiro, eles vão dando outras atividades e aí você não sabe se concentra no roteiro ou nas atividades. Por exemplo, você está na página do roteiro que fala de um assunto específico. Aí você vai lá e estuda sobre isso. Mas aí você não vai se concentrar só naquilo porque ao mesmo tempo você precisa terminar outra atividade, outra coisa totalmente diferente do que você está estudando. Aí às vezes você não vai poder fazer o roteiro porque eles vão

querer que você faça o negócio. Aí em outro momento eles vão querer que você faça o roteiro. Aí você fica meio confuso porque você não vai poder concentrar totalmente naquele momento ou então, por exemplo, nessa semana vou focar nessa atividade aqui, porque eu consegui priorizar na minha mente. Mas você não consegue. Resumindo, a questão é a seguinte: eles têm uma proposta só que eles não conseguem aplicar essa proposta certa.

M: Vocês têm um tempo para poder completar o roteiro? É um roteiro por ano? Como funciona?

Esse ano a gente está muito atrasado com o roteiro. Ano passado foram dois roteiros temáticos e um de estudos. Os roteiros de estudo do ano passado tinham QR code para ver a matéria e tinha que pegar tablets e usar o livro.

M: Como é a avaliação do roteiro? Em que momento vocês conversam com os professores para avaliar?

Geralmente é na tutoria, mas não são todos. Os professores avaliam se a gente está fazendo alguma coisa. Ano passado eu era da tutoria do professor E. Ele que era mais de olhar assim. Ele pegava e olhava, página por página. E conversava com a gente perguntando sobre alguma atividade que estava em branco, por que não havia feito.

M: Vocês falaram uma palavra interessante: autonomia. O que significa autonomia para vocês? Como é esse processo, esse aprendizado de ser autônomo?

Eu acho que eu não tinha autonomia, não. Na verdade, eu nem sabia o que era essa palavra quando eu cheguei. Eu acho que autonomia hoje é autonomia em 2020, para mim, é nada e tudo. Agora eu acho que autonomia a gente usa toda hora na nossa vida. Por exemplo: vou lá no mercado comprar um pão. Precisa ter autonomia para você ir lá. Você precisa saber o quanto você precisa gastar, quanto que você pode gastar para

comprar tal coisa no mercado. Se eu for ao mercado comprar um alho e um arroz, aí eu vou e compro arroz, aí eu vejo um salgadinho, vejo um chocolate, um refrigerante, aí eu pego. Mas aí você pega sabendo das consequências depois. Isso é autonomia. Uma pessoa que não tem autonomia e tem dinheiro, ela vai pegar tudo o que ela quer sem autonomia. Você precisa saber escolher as suas atitudes, suas ações com sabedoria para entender as consequências.

M: E de que forma a escola ensina para vocês a terem autonomia?

As atividades autônomas. Mas eu acho que as atividades autônomas a gente nem tem muita autonomia. Muitas vezes na escola a gente tem muito mais autonomia do que nas atividades autônomas. Acho que as atividades autônomas ensinam muito mais autonomia, tipo assim, eu peguei muito mais referência de autonomia nas atividades autônomas. Porque falaram assim: ah, a gente tem atividades autônomas. Eu falei: o que é autônomas? A proposta da autônoma é muito boa, a execução é horrível.

M: Então, me contem dessa organização da escola: conexão, atividades autônomas, vivências, tutoria...

Uma coisa que eu acho que a gente tem muita autonomia é escolher o que a gente vai fazer. A gente escolhe com qual professor vai ficar na tutoria, a gente escolhe o que vai fazer na conexão, a gente escolhe qual atividade a gente vai querer fazer, qual atividade que a gente vai se sentir confortável na vivência. Acho que isso daí é muito do que as escolas deveriam ter, porque você se sente uma pessoa importante. Igual a mandala<sup>11</sup> que tem que eu sempre gosto de falar que ninguém fala. Tem todas as atividades que tem na escola e no meio tem o aluno, então a gente é o meio. Se não tiver daquele jeito não tem nada em volta. Então, querendo ou não, nesse ‘lance de escolher’

---

<sup>11</sup> Mandala é um desenho referência da escola onde o estudante está no centro e as atividades estão em volta dele, mostrando o estudante no centro da proposta pedagógica.

te dá autonomia e te deixa com um sentimento melhor, talvez ou não. Eu me sinto mais importante na escola porque sem mim não acontece nada. Sem os alunos não têm escola.

M: As estudantes novatas na escola, me contem como era a escola que vocês estavam?

Na outra escola eu era muito presa. Tem esse negócio de vivência e conexão. Você nunca vai ver isso numa escola tradicional. Aqui tem regra e os alunos sabem respeitar. Um pouco... E a diferença que coloca aluno para mandar em aluno.

Uma estudante contesta: É o mesmo nível, mandar no mesmo nível, né. É. Primeira escola que conheço que é assim. Contestação: Não tem professor mandando em aluno, não. A gente tem uma amizade. Nossa relação com eles é muito boa.

M: Qual a diferença entre conexão, vivência, tutoria, atividades autônomas? O que é conexão?

É uma conexão entre professores e educadores dando uma aula juntos.

M: Então, tem o educador que se junta como o professor e vai ensinar algo, juntos.

Sim, mas tem que ser alguma coisa que não seja da área deles. É tipo uma proposta. Por exemplo: eu trabalho com oficina, eu faço informática. Na minha conexão eu não posso ensinar informática, tem que ser uma coisa nova, sabe. Que eu vou juntar com outro professor. Criar uma atividade nova, diferente da formação dos dois educadores.

M: Vocês escolhem qual conexão vocês vão participar? E muda de semestre para semestre?

Muda no semestre. Só a tutoria que não muda. Porque você tem uma relação melhor com seu professor.

M: E a tutoria é o professor te ajudando naquilo que você precisa?

É o seu tutor.

M: Vivências? O que são? Os educadores ensinam o que?

Eles ensinam algo para a vida, sabe. Tipo, circo. O Circo pode parecer inútil. Mas se você for pensar não é tão inútil assim, sabe. Porque, tipo assim, eu posso trabalhar numa coisa super diferente no circo, mas às vezes o circo pode ajudar. Qualquer coisa que você aprender uma hora vai ser útil, sabe. A proposta da escola é boa. Porque a gente tem duas vivências, né. A gente aprende um pouco de cada. Aí a gente leva para a vida.

M: E atividades autônomas? O que são?

A proposta das atividades autônomas é a gente escolher um lugar e fazer o que quiser lá, tendo autonomia, responsabilidade e sabedoria, amor no coração para você fazer o que for certo. Tipo, vou vir aqui para a sala da EJA e vou ficar desenhando, não vou jogar basquete aqui dentro. Mas, aí acabou que foi privando, né, foram acontecendo algumas coisas na escola e foram privando a gente das autônomas. Aí agora está só na quadra, mal mal o bosque, auditório, biblioteca e informática. Se fosse antes a gente podia ficar aqui atrás da tenda, conversando porque podia. Só ia ter um educador te olhando. Porque essa é a proposta. Mas agora não. Agora está muito mudado.

M: E tem que ter algum educador junto com vocês?

Sim. Eles não vão passar atividade, não vão fazer nada. Ele só fica lá.

M: Mas se são atividades autônomas e a escola ensina pra vocês autonomia e responsabilidade porque tem que ter alguém com vocês?

Porque realmente tem aluno que não tem autonomia, aluno que vai beijar na escola, vai matar aula, que pode fazer coisas e coisas.

M: Mas eu volto à pergunta: Se vocês têm um processo de auto regulação, ou seja, vocês ajudam o sexto ano, precisa de fato ter um educador com vocês?

Tem aluno que não respeita nem os educadores, imagina a gente.

M: O que vocês vão levar daqui para outra escola que vocês irão ano que vem, uma vez que será uma escola tradicional de novo? Como vocês imaginam que será?

Vai ser terrível! Olha a escola que a gente tá acostumada? Não estou falando mal...só estou dizendo que são estudos diferentes...Vou chegar lá falando: cadê minha escolha, eu quero meu direito de escolha aqui...Mas eu acho que a gente vai saber usar os nossos conhecimentos daqui pra lá... Acho que no ano que vem eu vou ter uma cabeça melhor para lidar com algo diferente... Até porque quando a gente veio para cá, a gente não estava acostumada com essa escola... E eu me acostumei. Então eu vou saber lidar...E a gente pode levar os nossos conhecimentos para ajudar a melhorar as outras escolas... Tentar, né, porque as escolas tradicionais são muito fechadas.

M: E como é a conversa de vocês com colegas, amigos que estudam em outras escolas?

Eles veem a nossa escola com uma imagem muito ruim. Uma escola que deixa a gente muito solto, como se a gente não fizesse nada.... Até eu mesmo quando fiquei sabendo que iria vir para cá, eu chorei muito...Fiquei com muito medo de vir pra cá

porque eu estava no quinto ano, iria para o sexto, e via os meninos do nono ano, enormes... Questão de estudo também, eu achei que não ia aprender nada.

O meu irmão fica me ‘zoando’ quando eu falo que fico o dia inteiro na escola, estudando. Que estudando o quê? Ele fala. Só que ele não teve a mesma experiência com a escola que eu tenho porque ele entrou aqui no nono ano, quando estavam voltando da pandemia e formando as ‘bolhas’. Então ele não conhece de verdade a escola.

Pensando sobre as competições a gente só tem todo ano a gente só tem aqui. É a primeira escola que eu conheço que treina badminton, tem um esporte fixo tipo badminton, arremesso de peso, que não é vôlei e nem futebol, tanto assim.

Uma coisa aqui na escola também que é muito boa. A gente não trabalha só com a mente, trabalha com o corpo também, sabe. Porque se você for nas outras escolas você não vai ver isso, porque eles estão sempre sentados numa mesa, escrevendo.

Eu vim do Rio de Janeiro. Quando cheguei aqui na escola perguntei para uma colega: qual turma que eu sou? Não tem turma aqui não. Eu falei: ué, como assim? É todo mundo junto, você vai entender. Antes de entrar para a escola vim aqui conhecer e comecei a explorar a escola. Vi que tinha banheiro com porta de shopping, biblioteca, armário para os estudantes guardarem seus pertences, Vi que não precisava de uniforme. No início, foi diferente, mas depois da pandemia eu gostei... Acho que a pandemia fez a gente valorizar mais a escola, os amigos e etc...porque a gente ficou muito privado, né, muito no casulo.

Outra estudante: Essa escola é bem diferenciada de todas as escolas públicas, como todo mundo já sabe... e aí quando eu cheguei aqui, eu fiquei muito assustada porque eu nunca vi uma escola que fica todo mundo junto... então eu fiquei bem

assustada, claro coisa nova, né quem não fica assustada com coisa nova. Eu não sabia se isso era bom, até eu chegar aqui na escola.

Quando eu cheguei, eu fiquei parada assim, como eu vou me virar aqui, como eu vou aprender aqui, tipo vou me encaixar? Tinha dias que eu não me encaixava, pensava que a minha escola era melhor do que essa. Eu nunca tinha visto essa escola e aí eu fui vendo como a escola era literalmente diferente, não só porque ela é diferente que ela não seja boa. Então para mim, ser diferente é que foi bom, porque eu aprendi várias coisas novas. Na minha outra escola, eu não tinha opinião, eu não tinha escolha. Se eu quisesse fazer alguma coisa eu não podia fazer, então vir para cá, eu me sinto mais aberta, eu consegui me encaixar.

### **Reflexões de uma Pesquisa uma “Escola Outra”**

A pergunta/problema da pesquisa era se de fato a Escola do Encantamento conseguiria ser uma “escola outra” no seu cotidiano para além do que estava escrito no Projeto Político Pedagógico e como o olhar das experiências de lazer poderíamos nos ajudar a entender o que se passava naquela escola. Ao longo dos 15 meses de permanência na escola, pude acompanhar as atividades, conviver com professores e estudantes e participar de diversas atividades. Escolhemos trazer neste texto um recorte da nossa conversa com os estudantes do 9º ano optando por não tomar como função intelectual interpretar o que o outro diz, nem ser seu porta-voz. Propusemo-nos a trazer esse outro, os estudantes por eles mesmos.

Entendemos que um processo de produção convencional do conhecimento seria um caminho já pré-estabelecido e delineado, onde o que se espera de um pesquisador é que ele vá até a escola para construir uma empiria, um mundo de uma forma representacional a partir de um arcabouço teórico. Este irá gerar categorias ou

marcadores, onde ele irá organizar esse mundo a partir dessas categorias, produzindo uma síntese interpretativa, uma síntese analítica dessa empiria. Essa seria uma produção convencional do conhecimento. Entretanto, não foi exatamente isso que fizemos nesta tese.

Retomamos aqui a citação de Larrosa Bondía, (2002, p.21): “se a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” o nosso movimento de pesquisa foi procurar, nesses 15 meses, o que se passava, o que acontecia, o que tocava os sujeitos viventes naquele cotidiano. Ao dizer sobre a sua experiência, cada pessoa trouxe em sua fala aquilo que lhe era mais importante, mais caro, o que mais lhe afetava. Os estudantes me falaram sobre o que os incomodava na escola e o que poderia ser melhorado.

Durante os meses de participação no cotidiano da escola presenciamos um projeto pedagógico voltado para educar os estudantes para a sua total autonomia e responsabilidade pelo seu processo educativo. As atividades realizadas durante a semana (salão do conhecimento, tutoria, conexão dos saberes, atividades autônomas, vivências educativas) são pensadas e realizadas com esses objetivos. Nas rodas de conversa com as/os estudantes do 9º ano identificamos as palavras que formam um tripé dentro da formação humana da escola: autonomia, responsabilidade e liberdade. As experiências com o lazer vivenciado através do canto, da dança, da música, do circo, da capoeira, da educação física, das artes, em geral, estão presentes em todas as atividades realizadas pela escola: conexão dos saberes, vivências educativas, atividades autônomas. O aprendizado passa pela liberdade corporal do sentir-se bem e feliz. Entretanto, os desafios ainda são muitos.

Pela fala dos estudantes, a forma como o roteiro de estudos foi elaborado e a proposta de como fazê-lo foi um dos grandes desafios do salão do conhecimento. O excesso de atividades é outro. A conversa no espaço do salão que deveria ser silencioso

para os estudantes se concentrarem na atividade também um desafio, tanto para estudantes, quanto para os professores. A forma escolar tradicional ainda se faz presente nas atitudes de estudantes e professores que não se adaptaram ao novo formato dos processos educativos, resistindo e desejando o retorno ao antigo formato educacional. Entretanto, esta escola nos mostrou que é possível fazer uma organização do tempo escolar com atividades dentro da sua estrutura curricular para além dos conteúdos obrigatórios, de forma que o estudante ao final de 4 anos de experiência consiga se tornar um ser humano livre, mais responsável e autônomo nos seus processos educativos, entendendo o seu papel de sujeito social no mundo ao qual pertence e atua.

## REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, v.19, Abr 2002.
- MUYLAERT, C. J.; SARUBBI Jr, V.; GALLO, P.R; NETO, M.L; REIS, A.O. Entrevistas narrativas: um recurso importante na investigação qualitativa. **Rev Esc Enferm USP**, v.48, (Esp2), p.193-199, 2014. [www.ee.usp.br/reeusp](http://www.ee.usp.br/reeusp). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXvhmXbg96xZNPWt9vQYCt/lang=pt&format=pdf> Acesso em: 10 jan. 2022.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA da., L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, n.18, p.106-131, 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4914759/mod\\_resource/content/1/Segato.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4914759/mod_resource/content/1/Segato.pdf)
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2018.
- VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, p.7-48, jun. 2001.

**Endereço do(a) Autor(a):**

Mariana Soares Ferraz Malta  
Endereço eletrônico: mariana.malta@edu.pbh.gov.br

José Alfredo Debortoli Oliveira  
Endereço eletrônico: dbortoli@eeffto.ufmg.br